

# **Família Facebook: Desconstruindo representações**

## **Family Facebook: Deconstructing representations**

**Marcos Allan da Silva Linhares**

Universidade Federal do Pará – IECOS – Campus Bragança  
[marcosallan.18@gmail.com](mailto:marcosallan.18@gmail.com)

**Sandra Nazaré Dias Bastos**

Universidade Federal do Pará – IECOS – Campus Bragança  
[sndbastos@gmail.com](mailto:sndbastos@gmail.com)

### **Resumo**

Nosso objetivo foi investigar discursos que normalizam modelos de família e os papéis que cabem a seus componentes na sociedade. Tomamos como *corpus* de análise postagens que circularam na rede social facebook por ocasião do “dia da família”. Nas imagens as famílias invariavelmente são brancas, obedecem ao padrão heteronormativo e são simétricas (constituídas por pai, mãe e um casal de filhos). Como bem precioso e divino ela é símbolo de amor e respeito, por isso deve ser protegida e, acima de tudo, preservada. A partir do casamento os papéis são bem definidos: o pai é responsável pela proteção e provisão do lar e à esposa cabem os cuidados com a educação dos filhos e gestão da casa. Ao trazermos esses recortes intencionamos mostrar como representações hegemônicas muitas vezes nos engessam em identidades fixas e nos impedem de traçar linhas de resistência através de posicionamentos mais atentos e críticos.

### **Palavras chave: Família, Pedagogia Cultural, Subjetivação**

### **Abstract**

Our objective was to investigate discourses that normalize family models and the roles their components fit into society. We took as corpus of analysis posts that circulated in the facebook social network on the occasion of the "family day". In the images the families invariably are white, obey the heteronormative pattern and are symmetrical (consisting of father, mother and a couple of children). As precious and divine it is a symbol of love and respect, so it must be protected and, above all, preserved. From the marriage the roles are well defined: the father is responsible for the protection and provision of the home and the wife cares about children's education and house management. By bringing these clippings we intend to show how hegemonic representations often engulf us in fixed identities and prevent us from drawing lines of resistance through more attentive and critical positions.

### **Key words: Family, Cultural Pedagogy, Subjectivation**

## Introdução

O termo família assume vários conceitos: segundo o dicionário Aurélio, família é o conjunto formado por pais e filhos ou por parentes que ocupem a mesma moradia; para a Biologia família é uma categoria que agrupa seres vivos semelhantes entre si; para a Antropologia é um grupo social concreto, o que difere de parentesco, que seria a estrutura mais formal em si (SARTI, 1992). Pela Constituição Federal de 1988, artigo 226, entende-se como entidade familiar a união estável **entre o homem e a mulher** ou a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Independente dos conceitos que buscam nomeá-la a família pós-moderna por vezes não se encaixa nos “termos” que tentam definir o que seria, de fato, uma família na atualidade. Tramitam na Câmara dos Deputados vários projetos de lei que procuram definir o que seria uma família e, conseqüentemente, delinear seus direitos e deveres frente à constituição do nosso país. O mais famoso projeto é o chamado “Estatuto da Família<sup>1</sup>”, que cercado de controvérsias, não reconhece arranjos familiares que não sejam constituídos obrigatoriamente por um homem e uma mulher, excluindo arranjos constituídos por homens e mulheres sem cônjuge, por exemplo, além de excluir as uniões homoafetivas e seus direitos recém conquistados como aqueles relacionados à herança, guarda dos filhos, inclusão de parceiros em planos de saúde, entre outros.

Diante de tantos arranjos familiares que fogem a esses padrões normativos observamos uma disputa para definição do que é uma “família ideal” que é baseada em premissas bíblicas e padrões heteronormativos que apagam ou minorizam outras configurações possíveis. Entendemos com isso que o que chamamos de “família” só existe dentro e a partir de uma trama discursiva que a nomeia, ao mesmo tempo em que determina, como essa família deve ser e como seus componentes devem agir e se comportar. Dessa forma, são acionados mecanismos de visibilidade e dizibilidade que incitam e normalizam o que é verdadeiro/falso, certo/errado, permitido/vetado a diferentes configurações (BASTOS e CHAVES, 2015).

Para Foucault, discursos são práticas e como tais não nomeiam simplesmente os objetos, mas os produzem. Para o autor “os ‘discursos’, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras”. Os discursos determinam o regime dos objetos (FOUCAULT, 2010, p. 55). Assim, fazemos parte e estamos enredados em uma imensa trama de discursos que reiteradamente nos ensinam formas de ser e estar no mundo. Nesse contexto, entendemos que “há pedagogia em qualquer espaço em que se efetue educação, em que se ensine aos indivíduos modos de proceder, de viver, de fazer, de comprar, de comer, de vestir, de falar” (ANDRADE, 2013, p. 110).

Em busca de mapear discursos sobre a família nos detivemos em postagens divulgadas na rede social *Facebook* no “dia da família”, voltando nosso olhar para discursos que normatizam configurações familiares, mostrando-nos seus membros e a função que desempenham na casa e na sociedade. Escolhemos essa rede social pelo seu alcance: aproximadamente 45% da população<sup>2</sup> brasileira acessa sua conta mensalmente e isso significa 62 milhões de pessoas conectadas à plataforma. Outro dado importante é que destes 62 milhões, 50 milhões fazem esse acesso por meio de dispositivos móveis, o que coloca ao “alcance das mãos” a visualização e a divulgação de imagens, textos, ou seja, de discursos.

---

<sup>1</sup> Projeto de Lei nº 6583, de 2013, apresentado pelo Senador Anderson Ferreira, que “dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências”.

<sup>2</sup> Dados disponíveis em: <https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes>

Consideramos assim que as redes sociais são importantes fabricantes de subjetividades, que ensinam aos indivíduos como eles devem se comportar enquanto sujeitos, uma vez que nesse ambiente virtual nos deparamos com discursos que se confrontam, se digladiam, se unem e se dispersam em torno de dispositivos identitários. Como afirma Gregolin, essas funções são asseguradas pela ampla oferta de modelos difundidos e impostos socialmente por processos de imitação e formas ritualizadas. Esses modelos de identidades são socialmente úteis, pois estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que simbolicamente inserem o sujeito na “comunidade imaginada” (GREGOLIN, 2007).

Assim, consideramos que a mídia participa diretamente na constituição de sujeitos, atuando em sua formação e ensinando-lhes como se portar enquanto indivíduos; produzindo saberes que se dirigem à educação das pessoas e ensinando-lhes modos de ser na cultura em que vivem (FISCHER, 2002).

### A família “Facebook”

Ao analisar as postagens sobre família nos deparamos com uma família “Facebook” que é constituída invariavelmente pelo pai, mãe e um casal de filhos, raramente outros membros como avós, tios ou primos aparecem. São famílias heterossexuais, brancas e simétricas nas quais não existem problemas, dificuldades ou “desvios” (Figura 1).



Figura 1 - A Família Facebook

Tal padrão, segundo Louro (2000), faz parte de um longo (e não evidente aprendizado) que nos leva a presumir que a grande maioria dos homens e mulheres sente atração pelo sexo oposto, naturalizando assim, essa forma de exercício da sexualidade: uma heterossexualidade compulsória que se encontra “prescrita” na viagem que um corpo que nasce como macho ou fêmea deverá realizar ao longo de sua vida (SANTOS, 2010).

Como nos ensina Foucault (1988) a família conjugal assim formada, confisca a sexualidade e a encerra dentro de casa, absorvendo-a inteiramente na seriedade da função reprodutora: “o casal, legítimo e procriador, dita a lei” e impõe-se como modelo, fazendo reinar a norma. A existência dessa normalização pode ser observada quando tomamos outras materialidades (como as peças publicitárias, por exemplo) que trazem as famílias como pano de fundo para vendagem de seus produtos (Figura 2). Elas serão apresentadas aqui como **regularidades discursivas** que regem a **dispersão** dos discursos (FOUCAULT, 2010).



Figura 2 – Família branca, heteronormativa e simétrica

Para Santos (2010) a heteronormatividade (e a branquidade!) faz parte de um sistema amplo e complexo de relações de poder que produzem tanto práticas quanto instituições que, ao assumirem e legitimarem a suposta naturalidade da norma heterossexual e das relações heterossexuais, instituem determinados modos de ser que não precisam estar ditos de forma explícita, mas que operam em distintas redes na cultura (nas relações sociais, nos currículos, nas pedagogias culturais) colocando a heterossexualidade na ordem das coisas, tornando-a invisível. Estamos tão acostumados a essas representações que elas não nos causam mais qualquer tipo de estranhamento.

Nas postagens, não raramente, a família é apresentada como algo divino, uma “preciosa criação de Deus” que deve ser “amada, respeitada”, um tesouro que precisa de cuidados e de total atenção. Numa família não pode haver desavenças, brigas, ódio e nenhum tipo de discussão. O grupo familiar é símbolo de harmonia, amor e respeito. Sendo assim essa família precisa ser respeitada, cuidada, protegida, mas, acima de tudo, preservada (Figura 3).



Figura 3 – Família: dom divino, lugar de respeito, amor e harmonia

## A família começa com o casamento

A família começa com o casamento, “ponta pé” inicial para a constituição familiar. O casamento, seja ele religioso ou civil, servirá para que o homem e a mulher assumam sua responsabilidade na constituição de uma unidade familiar independente da de seus pais. Essa instituição está diretamente relacionada à geração de descendentes (Figura 4). Ainda reforçando o padrão heteronormativo, a “soma perfeita da vida” (ou do amor) envolve como elementos iniciais o pai e a mãe e tem como resultado final um filho. A regra: cresci e

multiplicai-vos pode ser antiga, mas é inegável que ainda seja atual.



Figura 4 - A soma da vida e do amor

Se o matrimônio se tornou a instituição universal da família e os filhos a ordem natural a ser seguida por aqueles que se casam, julgamos pertinente perguntar: Qual o lugar ocupado por aqueles que não se casam? E por aqueles que não podem (ou não desejam!) ter filhos? Não raramente pessoas que fogem ao padrão familiar “tradicional” são duramente cobradas por suas escolhas. Não raros são os casos de pessoas agredidas (ou mesmo mortas!) por constituírem ou pertencerem a uma família dita “diferente”<sup>3</sup>.

Mesmo que o casamento seja a ordem natural para a estruturação familiar ele não é visto da mesma forma por homens e mulheres. Se para elas o casamento representa um momento esperado, desejado e sonhado, para eles representa “o fim do jogo” envolvendo mais sacrifício, trabalho e responsabilidades financeiras, o que reforça o papel do homem como provedor da família e o da mulher como perdulária (Figura 5).



Figura 5 – Homens e mulheres: o que cada um espera do casamento

Segundo Michele Perrot (2008) a mulher, ao se casar, torna-se triplamente dependente de seu marido: juridicamente, pois ela perde seu sobrenome; economicamente, pois dependerá do marido para gestão dos bens e sexualmente, em que estará reduzida ao “dever conjugal”, ou seja, a maternidade. Em relação à dependência econômica as imagens postas em circulação reforçam a representação das mulheres (esposas) como consumidoras compulsivas e exageradas que não apresentam profissão ou renda própria e que são totalmente dependentes do marido.

<sup>3</sup> Para trazer apenas um exemplo, citamos o caso de um jovem estudante que não resistiu aos ferimentos resultantes de uma agressão sofrida na frente de sua escola por ser filho de um casal homoafetivo. Essa notícia foi amplamente divulgada em rede nacional e motivou a ideia desse artigo. Mais informações sobre o ocorrido estão disponíveis em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/morre-filho-de-casal-gay-agredido-em-porta-de-escola-12032015>.

## Na família, qual o papel a ser desenvolvido pelo pai e pela mãe?

Se na família o pai é o provedor e o protetor, para a mãe restam os afazeres domésticos e os cuidados com as crianças (Figura 6). Tal configuração envolve ainda uma certa hierarquia na “ordem natural da família” na qual o masculino se constitui como condição primária, que subordina o feminino (FRAGA, 2013). Na primeira figura após a autoridade maior (Cristo), vem a família formada pelo homem e pela mulher, remetendo à Sagrada Família de Jesus. Vemos aqui ser ressaltado mais uma vez o caráter divino e puro que a família carrega consigo a partir do casamento. Na segunda figura a hierarquização se dá pelo papel financeiro exercido mais uma vez pelo pai que está acima da mãe, que é representada pela emoção (coração). Tais modelos reforçam a representação de uma família patriarcal, na qual o pai é o chefe, provedor de mantimentos e a mãe, a dona do lar, a responsável pela procriação e pelos serviços domésticos (SILVA, 2013).

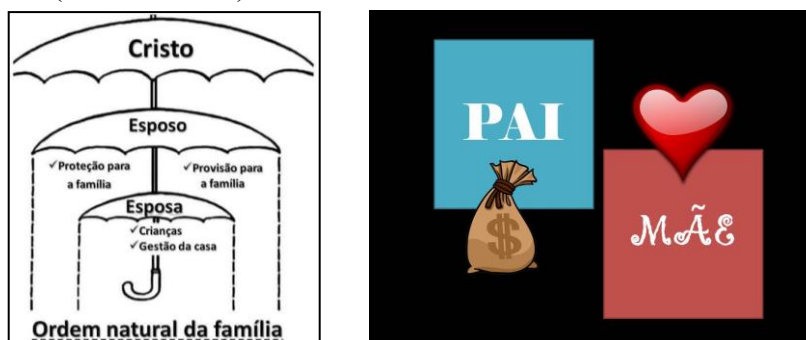


Figura 6 – A hierarquia familiar

Para Louro (2004) essas definições de papéis que a sociedade estabelece acabam por definir a seus membros comportamentos, e modos de se relacionar e de se portar. É a partir da aprendizagem desses papéis que cada homem e cada mulher conhece o que é adequado numa determinada sociedade e procura responder da melhor forma possível às expectativas que se espera de cada um.

A mãe multifuncional (insubstituível e incansável!) é representada em várias imagens. Elas se sacrificam pela família, dispensam momentos de alegria e de descontração para cuidar dos filhos e do marido e suas “obrigações” são realizadas com muito amor, alegria e resignação. Ela não trabalha fora, nunca aparece se divertindo ou fazendo coisas em benefício próprio. Sua vida se restringe aos cuidados com a casa e com os filhos. Ela é cozinheira, faxineira, motorista, professora e apesar de se sentir “cansada de manhã, de tarde e de noite” ela se sente realizada com a maternidade (Figura 7).



Figura 7 – As múltiplas funções da mãe

Nesse contexto não há divisão de tarefas, pois as funções encontram-se muito bem definidas. Em alguns casos, quando os homens se aventuram nos afazeres domésticos, isso é considerado como uma concessão, uma vez que essas atividades ainda continuam sendo consideradas por eles (e muitas vezes por elas!) como tradicionalmente femininas (BADINTER, 1985).

Segundo Perrot (2008) a maternidade é para as mulheres uma fonte de identidade que fundamenta a diferença reconhecida entre homens e mulheres. Para Marcello (2009), elementos do corpo feminino como, por exemplo, a pélvis alargada, moleza dos tecidos, presença dos seios (dando possibilidade ao aleitamento), fragilidade dos ossos, superabundância das fibras, entre outros justificavam que a mulher tivesse a natural tendência a ser mãe.

Nas postagens analisadas o ser mãe supera o ser mulher que abre mão e renuncia à sua individualidade, privacidade e vida social para cuidar total e exclusivamente de sua criança. Cabe à mãe a responsabilidade pela estabilidade e manutenção da ordem familiar. Somente ela pode cuidar adequadamente (e responsavelmente!) da família, é ela que tem que cuidar dos filhos (do marido) e se houver tempo, quem sabe, cuidará de si mesma (Figura 8).



Figura 8 – Ser mãe é...

Segundo Marcello (2009), tanto a maternidade quanto o sujeito-mãe são dispositivos historicamente construídos, ou seja, são efeitos de discursos e de contingências sociais, culturais e econômicas específicas e não aspectos de uma natureza essencialmente feminina. Para a autora a sacralidade e a divindade associadas à maternidade surgem a partir das primeiras aparições da virgem Maria na Europa. Foi a partir daí que as mulheres começaram a ver a maternidade não mais como um castigo ou um fardo deixado por Eva, mas como algo doce e esperado, tornando a maternidade, assim como foi para Maria, um processo de comedimento e sacrifício.

Se a maternidade é algo que é levado muito a sério pelas mulheres, muitas vezes se considerando que ela faz parte de uma suposta “essência feminina”, a paternidade é representada de uma forma completamente diferente: os pais são mais leves, displicentes e tranquilos no trato com as crianças. Parecem até mesmo mais “divertidos”. Toda a segurança, responsabilidade e preocupação que aparecem associadas às postagens referentes à mãe, estão ausentes nas postagens paternas. (Figura 9). Em uma das imagens os pais carregam os filhos pequenos de cabeça para baixo. Em outra, eles limpam os filhos usando a própria língua, sugerindo que os homens não ligam à mínima para questões básicas de segurança e higiene. Diante dessas imagens (e de tantas outras nas quais os pais aparecem carregando os filhos numa motocicleta, ou fazendo farra em um bar) nos atrevemos a perguntar: Ainda restam dúvidas a quem deve recair a responsabilidade do cuidado com os filhos?



**Figura 9** – Pais x Mães

A maternidade como sentimento “instintivo” feminino remete a uma vida de privações, pois entre os “mandamentos da maternidade” estão a renúncia a uma casa limpa, renúncia à vida social, à horas de sono... E essa vida não admite falhas ou distrações. Quando a mãe, por algum motivo, deixa de cumprir suas obrigações elas são severamente lembradas de sua falha (Figura 10).



**Figura 10** - Mamãe não está cumprindo suas obrigações!

Badinter (1985) nos lança inquietantes provocações: “Será que esse instinto maternal não seria uma pilhéria para convencer as mulheres de que cabe a elas executar o “trabalho sujo?””; “Será que em vez de instinto, não seria uma pressão social que recai nas mulheres para que elas só possam se realizar através da maternidade?”.

## Considerações Finais

Embora os arranjos familiares sejam os mais diversos possíveis, diante do material analisado é possível afirmar que ainda não conseguimos nos desprender do padrão “heterossexual-patriarcal-branco”. Nesse modelo, os sujeitos emergem a partir de uma tecnologia disciplinar, que não reside tão somente nas postagens de uma rede social, mas dispersa-se em vários outros espaços sociais como filmes, propagandas, novelas, histórias em quadrinhos e filmes infantis. Nessa dispersão os sujeitos ganham formas concretas, se materializando e

legitimando aquela família que cada um de nós conhece e deseja (ou não!) ter.

Os discursos assim disseminados se inscrevem “na superfície das coisas e dos corpos” (FOUCAULT, 1979) exigindo desses corpos manifestações, vontades, desejos... Fazem-nos falar, implantam-nos no real e lhe ordenam a dizer a uma verdade (FOUCAULT, 1988, p. 82).

Cientes desse enredamento o exercício possível é o de suspeição, da vigilância em torno dos processos de sujeição. Com isso é possível estranhá-los. E nessa direção é Foucault (1979) quem mais uma vez nos ajuda a pensar e a perguntar: quais foram as condições de emergência desse discurso? Que outros discursos silenciaram? Como esse discurso se constituiu por um tempo o *a priori* histórico de uma experiência possível? É preciso problematizar as condições de possibilidades que promovem a construção de uma dada “experiência”. Experiência que induz o indivíduo a reconhecer-se como sujeitos de uma determinada forma de existência dentro de um sistema de regras e coerções da qual não pode sair.

Em um mundo no qual se mata a mulher que “ousa” sair de sua “condição doméstica”, no qual se mata uma criança por ela pertencer a uma família “diferente”, entendemos que é urgente discutir as condições que sustentam e mantem em nossa sociedade os discursos que afirmam a existência de uma família “ideal”.

## Agradecimentos e apoios

Agradecemos a CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelos dois anos de financiamento de nosso projeto; à Universidade Federal do Pará (UFPA), campus de Bragança e ao Instituto de Estudos Costeiros (IECOS) pelo apoio e pela estrutura concedida para a realização de nossos trabalhos e projetos. Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Científica e Ambiental (GEPECA) pelas contribuições a esse texto.

## Referências

- ANDRADE, S S. Mídia Impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, G L; FELIPE, J; GOELLNER, S V (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BASTOS, S N D; CHAVES, S N. *O que é ser-biólogo? Com a palavra o Facebook*. Alexandria, Revista em Educação em Ciência e Tecnologia, v.8, n.2, p.89-106, Junho:2015.
- BRASIL, Constituição 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Ed.35. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.
- FISCHER, R M B. *O dispositivo pedagógico da Mídia: modos de educar na e pela TV*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v 28, n.1, p. 151-162, jan/jun. 2002.
- FRAGA, A B. A boa forma de João e o estilo de vida de Fernanda. In: LOURO, G L; FELIPE, J; GOELLNER, S V (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

- FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 1: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GREGOLIN, M R. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.
- LOURO, G L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LOURO, G L. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MARCELLO, F A. *Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: O conceito de dispositivo em questão*. Currículo sem fronteiras, v.9,n.2, pp.226-241, Jul/Dez 2009.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. 1 ed. Alto da Lapa, SP: Contexto: 2008.
- SANTOS, L H S. Heteronormatividade e educação: algumas questões para (re)pensar o cotidiano escolar. Anais do XV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Belo Horizonte, 2010.
- SARTI, C A. *Contribuições da Antropologia para o estudo da família*. Psicologia USP, Faculdade de Letras, Artes e Ciências Humanas. São Paulo, 3 (1/2), p. 69-76, 1992.
- SILVA, S M A. A discursivização sobre a família na mídia – outros modelos, a mesma história. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2013.